

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.**

**GT 03 - Gênero, trabalho, profissões e políticas sociais na América Latina, na atualidade: o que nos aproxima e o que nos distancia?**

**A Crise do Masculino e suas Implicações no Trabalho: um estudo em mineradoras e siderurgias<sup>1</sup>**

**Autor: Eloisio Moulin de Souza**

---

<sup>1</sup> Esta Pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES)

## **A Crise do Masculino e suas Implicações no Trabalho: um estudo em mineradoras e siderurgias**

### **Resumo Simples**

Este artigo analisa como a crise do masculino afeta a divisão do trabalho no setor minero-siderúrgico. Assim, foi feita uma pesquisa qualitativa, onde foram entrevistados vinte trabalhadores do setor minero-siderúrgico. Utilizou-se um roteiro semi-estruturado para a produção de dados. Os enunciados foram analisados utilizando-se a técnica de análise do discurso. Verificou-se que atributos como sensibilidade, polidez e educação estão presentes na construção e definição de masculinidade, fato que afirma uma suavização do masculino. Têm ocorrido mudanças em relação à divisão de trabalho entre homens e mulheres, contudo, estas mudanças ocorrem de forma mais acelerada na vida privada. Nas entrevistas analisadas é atribuída a mulheres, *gays* e homens heterossexuais que apresentam atributos femininos, incapacidade laboral na execução de determinadas atividades.

## INTRODUÇÃO

Collinson e Hearn (2004) afirmam que trabalho, organização e gestão são as maiores forças na construção de homens, mulheres, feminilidades e masculinidades. Segundo os autores o trabalho é de fato socialmente organizado por meio de uma divisão de gênero, em outras palavras, a divisão de gênero e a distribuição do trabalho é algo real, socialmente variável e afeta tanto homens quanto mulheres.

Conforme constatado por Souza e Garcia (2008) o ambiente das empresas é organizado de forma a manter valores masculinos, onde masculinidade é vista como algo relacionado apenas á homens heterossexuais, cabendo a mulheres e homossexuais um papel secundário. Entretanto, sabe-se que no momento atual fronteiras sociais anteriormente estabelecidas têm sido destruídas. É nesse contexto descrito por Bauman (2001) que também se impera a crise do masculino, provocando questionamento e problematização sobre os tradicionais modelos culturais masculinos construídos nos espaços organizacionais. Portanto, diante das instabilidades e mudanças sociais contemporâneas torna-se necessário entender as resignificações da masculinidade e como elas afetam os membros das organizações.

Diante do exposto, esse artigo pretende **analisar como a crise do masculino tem afetado a divisão do trabalho no setor minero-siderúrgico**. Assim, intenta-se entender como se manifesta no setor minero siderúrgico capixaba mudanças relacionadas à percepção da masculinidade sob a ótica de trabalhadores homossexuais e heterossexuais e suas possíveis implicações/correlações com a organização do trabalho entre homens, mulheres e homossexuais.

Foucault (1988) afirma que a diferenciação pelo sexo é um dos dispositivos do biopoder. Para Foucault (1988) o biopoder foi elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo. O capitalismo só logrou sucesso e vida por meio do controle dos corpos no aparelho de produção e de uma regulamentação ou ajustamento dos fenômenos populacionais ao sistema econômico.

Para Bordieu (2010) a instauração universal da diferença dos corpos entre homens e mulheres acabou sendo tratada como diferenças de natureza, o que contribui para a naturalização das mesmas. Scott (1990) faz uma crítica ao determinismo biológico e a incomensurabilidade nas relações entre gêneros, enfatizando a construção social de

gênero. Cornell (2004) acredita na existência de diversas masculinidades historicamente e socialmente construídas.

Assim, os estudos de gênero não estão somente relacionados a mulheres, mas preocupam-se também por homens, ou seja, pela esfera de produção tanto de homens quanto de mulheres (HOLTER, 2004). Entretanto, masculino não significa homem como também feminino não é sinônimo de mulher. Ambos, masculino e feminino, são produtos socialmente construídos, transcendendo o sexo biológico, não tendo relação direta com o mesmo. Para Holter (2004) a construção social da masculinidade e da feminilidade origina-se em posições específicas que não têm relação direta com sexo, mas são criadas por diversas esferas relacionais de produção e reprodução social.

Por exemplo, Edwards (2004) mostra que ao longo dos séculos *gays* e masculinidade foram entendidos como antagônicos, onde os *gays* foram associados à efeminação. Dentro de uma estrutura heterossexual estereotipada o homem é identificado com o masculino. Jerusalinsky (2005) afirma que provavelmente quem mais sabe sobre masculinidade são os homossexuais. Eccel e Saraiva (2009) salientam que a hegemonia está associada a uma vivência masculina heteronormativa e que as identidades homossexuais ou bissexuais são percebidas como desviantes ou anormalidades. Sujeitos pesquisados por Eccel e Saraiva (2009) afirmam que *gays* que não fazem “coisas de homem” são discriminados por outros homossexuais, evidenciando uma espécie de hierarquia de masculinidade entre os homossexuais.

A hierarquia de masculinidades não ocorre somente entre homossexuais. Por exemplo, Eccel e Grisci (2010) analisaram a figura do engenheiro como representante da masculinidade hegemônica a partir de relatos de mulheres e homens gerentes do setor petroquímico. Tal figura é entendida por ambos os sexos como racional, objetiva e com domínio técnico. Este estereótipo é o ideal ao qual todos devem seguir, de modo que outras características individuais e mesmo outras formas de masculinidades não sejam valorizadas. Conforme Connell (1995), masculinidade não é algo fixo, mas algo que muda no tempo e lugar. As masculinidades são historicamente, culturalmente e temporariamente contingentes. Edwards (2004) afirma que a masculinidade vista como um constructo social não necessita em seu senso intrínseco de alguma conexão com homens, contudo, é incorreto afirmar que masculinidade não tem nenhuma relação a homens, mas masculinidade pode ser problematizada tanto em relação a homens quanto a mulheres e homossexuais.

## **CAMINHOS PERCORRIDOS (METODOLOGIA)**

A pesquisa é do tipo qualitativa. Entenda-se pesquisa qualitativa uma forma de procurar respostas para questões particulares. Dessa forma, a pesquisa qualitativa se preocupa, dentro das ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO e outros, 1994). Para poderem participar da pesquisa, os trabalhadores tiveram que cumprir um pré-requisito: trabalhar em empresas do setor minero-siderúrgico há pelos menos 5 anos. Foram entrevistados 20 trabalhadores que exercem suas atividades laborais no setor minero-siderúrgico da grande Vitória/ES. Utilizou-se um roteiro semi-estruturado de perguntas.

Sendo a masculinidade um produto cultural que pode ser consumido e produzido por todos, não faz sentido atribuir e aplicar este produto heterogêneo e múltiplo como pertencente apenas a homens heterossexuais. Conforme Edwards (2004) salientou não existe antagonismo entre homossexualidade e masculinidade. Enfim, masculinidade é aqui vista como um constructo social que pode ser problematizada tanto em relação a homens quanto a mulheres e homossexuais. Por este motivo foram entrevistados, sem qualquer diferenciação entre eles, homens, mulheres, heterossexuais e homossexuais para discorrerem sobre masculino.

As entrevistas foram gravadas e duraram em média 94 minutos. Posteriormente foram tratadas por meio de transcrição. Os relatos obtidos foram analisados utilizando-se a técnica de análise do discurso desenvolvida por Michel Foucault.

## **RESULTADOS**

Os trabalhadores entendem que a nova forma de divisão das tarefas não está restrita somente a vida pública, mas também a vida privada. Tanto as mulheres saíram da vida doméstica para a pública, quanto os homens saíram da pública para a privada. Apesar do crescimento relatado pelos trabalhadores do número de mulheres no setor, uma das barreiras de acesso impostas as mulheres é o fato da maior parte das tarefas não terem relação direta com atividades domésticas.

Verifica-se que as mudanças sobre a divisão do trabalho têm ocorrido, contudo, a divisão do trabalho nas organizações estudadas tem mudado mais lentamente e cautelosamente do que no ambiente privado/doméstico, principalmente para os cargos de nível gerencial e estratégico. Apesar das mulheres estarem ocupando e executando atividades anteriormente vistas como tipicamente masculinas, a proporcionalidade entre homens e mulheres não é tão igualitária e quanto maior o nível hierárquico mais se

aprofunda este abismo. Também se verificou que aspectos relacionados a gênero e sexualidade têm implicações com preconceitos e discriminações direcionados a contratação e divisão do trabalho de mulheres e *gays*.

A crise do masculino refere-se as mudanças nos atributos culturais relacionados a gênero. Sendo gênero algo relacional qualquer mudança no masculino também provoca alterações ao feminino. Verificou-se que na contemporaneidade atributos como sensibilidade, polidez e educação estão presente na construção e definição de masculinidade, fato que demonstra uma suavização do masculino em relação a épocas atrás. Desta forma, pode-se afirmar que o masculino possui muito mais conteúdos femininos nos dias de hoje. Contudo, de forma antagônica, esta conclusão só pode ser feita quando temos ainda presente em nossas mentes e vidas os modelos masculino e feminino que emergiram na modernidade, ou seja, a crise do masculino não eliminou antigos modelos de gênero.

Nas entrevistas analisadas é atribuída a mulheres, *gays* e homens heterossexuais que apresentam atributos femininos, uma incapacidade laboral para execução de determinadas atividades, pois os trabalhadores relacionam feminilidade à fragilidade. Desta forma, apesar da crise do masculino, modelos de masculinidade tradicionais são extremamente valorizados no ambiente de trabalho estudado, afirmando uma desvalorização do feminino e criando hierarquias não somente entre homens e mulheres, mas também entre homens, atribuindo menor *status* as masculinidades não hegemônicas.

Em função disto, poucas mulheres são contratadas, principalmente para exercerem cargos técnicos, engenharias, funções gerenciais e diretoria. Homossexuais, quando contratados, ocupam funções técnicas, entretanto, similarmente as mulheres, para cargos gerenciais e de direção são considerados não aptos para seu exercício. Portanto, estes trabalhadores ainda sofrem preconceitos e discriminações relacionadas a gênero no setor minero-siderúrgico. Os atos discriminatórios referem-se a ações e/ou omissões normalmente fundamentadas em estereótipos. Em relação aos atos discriminatórios eles ocorrem de forma mais explícita fora do ambiente da empresa. Preconceito são visões mentais negativas sobre algo. Entende-se que nem todo preconceito transforma-se em discriminação, contudo, a existência de preconceito é condição indispensável para o surgimento de atos discriminatórios.

## **REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

- BORDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- COLLINSON, D. L.; HEARN, J. Men and masculinities in work, organizations, and management. In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. (Org) *Handbook of studies on men & masculinities*. California: Sage Publications, 2004. p. 289-310.
- CONNEL, R. W. *Masculinities*. Cambridge: Polity, 1995.
- CONNEL, R. W. Globalization, imperialism, and masculinities. In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. (Org) *Handbook of studies on men & masculinities*. California: Sage Publications, 2004. p. 71-89.
- ECCEL, C. S; GRISCI, C. L. I. Trabalho, gênero e subjetividade: a valorização dos engenheiros em uma empresa do setor petroquímico. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 06, 2010, Florianópolis. *Anais*. Belo Horizonte: ENEO, 2010.
- ECCEL, C. S; SARAIVA, L. A. S. Masculinidade, auto-imagem e preconceito: um estudo das representações sociais de homossexuais. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 33, 2009, São Paulo. *Anais*. São Paulo: ANPAD, 2009.
- EDWARDS, T. Queering the pitch? Gay masculinities. In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. (Org) *Handbook of studies on men & masculinities*. California: Sage Publications, 2004. p. 51-68.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HOLTER, O. G. Social theories for researching men and masculinities: direct gender hierarchy and structural inequality. In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. *Handbook of studies on men & masculinities*. California: Sage Publications, 2004.
- JERUSALINSKY, A. Qual o sexo de Oscar Wilde? In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. *Masculinidade em crise*. Porto Alegre: APOA, 2005. p. 15-29.
- MINAYO, M. C. S; DESLANDES, S. F; CRUZ NETO, O; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez, 1990.
- SOUZA, E. M; GARCIA, A. Amigos, amigos: negócios à parte? *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, v. 43(3): 238-49, JUL./AGO.SET. 2008.